

Jovens e *jazz* ressignificando o cotidiano carioca.¹

Vitor Pereira de SOUSA²

Cíntia Sanmartin FERNANDES³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo é fruto da pesquisa “Cartografia Musical de Rua do Centro do Rio de Janeiro”, que investigou diversos concertos de música nas ruas e seus impactos no dia a dia da cidade. O objetivo do trabalho é analisar os concertos musicais fixos e itinerantes com repertório jazzístico, e o crescimento da participação maciça de grupos juvenis nesses espetáculos. Para tanto, em termos metodológicos, utilizamos um enfoque múltiplo articulando investigação teórica e a observação participante. Procuramos destacar os processos de ressignificação do espaço por atores não governamentais que se mobilizam através das redes sociais para intervir, mesmo que espontaneamente, na cidade. Pontuamos ainda a aproximação entre os jovens e o *jazz* promovida tanto pelas apresentações quanto pela tecnologia.

Palavras-chave: comunicação; música; juventude; tecnologia; cidade.

Apresentação

Tendo em vista que nas cidades contemporâneas os rearranjos de espaço e de uso são contínuos, e que dentro dessas reconfigurações os grupos juvenis têm posição destacada, o artigo então se propõe a examinar a cidade do Rio de Janeiro. O espaço eleito para a observação e realização da pesquisa é o Centro do Rio de Janeiro, região rica em simbolismos e personagens que formam uma notável rede de sociabilidade, na qual é possível enxergar – comparando a outras áreas – uma fluida barreira na interação entre os indivíduos. Mais ainda, tencionamos pensar o jovem aliado às tecnologias digitais enquanto indivíduo capaz de expandir suas experiências sonoras, e enfatizar o seu papel no processo

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas da FCS-UERJ, membro do projeto de iniciação científica da Profª. Drª. Cíntia Sanmartin Fernandes intitulado “Comunicação e cultura urbana: a reinvenção da sociabilidade e da cidadania nas galerias (de passagem) e ruas galerias da cidade do Rio de Janeiro”. Email: vitorpdesousa@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS-UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCOM-UERJ). E-mail: cintia@lagoadaconceicao.com

de ressignificação do cotidiano da cidade através de manifestações artísticas que têm o *jazz* como repertório.

Baseando-se em trabalhos de campo que já vinham sendo realizados há aproximadamente dois anos com grupos de música que atuam nas ruas do Centro do Rio de Janeiro⁴, foi elaborado um “mapeamento” das apresentações e os efeitos destas dentro do cotidiano da cidade. Foram realizadas visitas a campo durante as apresentações de vinte grupos musicais, os quais tinham como repertório os mais variados gêneros (samba, jongo, coco, fanfarras, *rock*, *jazz*, *black music* e choro), composições autorais e de autores consagrados. A proposta da pesquisa não era realizar um levantamento que se limitasse às apresentações, mas demonstrar a ação sociopolítica resultante delas.

As visitas a campo possibilitaram a construção de um extenso arquivo imagético e sonoro fundamental para a pesquisa, que descreve os cenários investigados e traz o relato de frequentadores e músicos. Foram consideradas as diferentes narrativas presentes nos espaços percorridos, destacando a polifonia do imaginário local. Assim, foi possível traçar, cartografar, a configuração e os resultados provenientes das manifestações artísticas investigadas.

A partir dessa “cartografia sensível”, atestou-se a importância dos grupos juvenis e das redes sociais para reverberar críticas e colocar em pauta debates que abrangem esferas sociais, econômicas e políticas. Além disso, é produto do estudo a confirmação do pressuposto de que existe uma “cultura de rua” na cidade, mais precisamente uma “cultura musical de rua” ativa, na qual a participação de grupos juvenis é primordial, e onde as sociabilidades florescem e as ressignificações dos espaços urbanos ocorrem (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014b).

Assim, enquanto estratégia metodológica, elegemos o material audiovisual (vídeos e fotos) coletado durante os trabalhos de campo e pesquisas bibliográficas complementares (análise de matérias jornalísticas, de artigos e livros sobre os assuntos abordados, e visita às páginas do Facebook e YouTube das bandas) para elaboração do artigo.

Dentre os vinte grupos que compõem a “Cartografia Musical de Rua do Centro do Rio de Janeiro”⁵ optou-se por analisar os grupos de *jazz* que atuam no Centro do Rio de

⁴ Cf. FERNANDES, Cíntia S. ; HERSCHEMANN, Micael. Ativismo musical nas ruas do Rio de Janeiro. In ANAIS COMPÓS, 2014.

⁵ A pesquisa tem apoio da FAPERJ, do CNPq e da Secretaria de Indústrias Criativas do MinC, e envolveu os seguintes grupos de pesquisa: Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ e o grupo de pesquisa Comunicação Arte e Cidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. Os estudos resultaram na elaboração do site <http://www.cartografiamusicalderuadocentrodorio.com>.

Janeiro. Nesse sentido, focando nas observações da pesquisa sobre o crescente consumo de *jazz* por jovens, e o papel destes como atores fundamentais na mobilização e construção das apresentações, foi possível construir os argumentos a seguir.

O primeiro cenário analisado é a *jam session* da Pedra do Sal, ponto de importante significado histórico para a cidade e que atualmente tem uma programação quase diária de *shows* de música ao vivo. Na Avenida Churchill encontramos o segundo cenário, em meio a prédios comerciais músicos promovem a “roda de *jazz*”, outro nome dado às *jam sessions*, do Castelo. As apresentações acontecem sempre à noite e são programadas com antecedência, somado a isso estabelecimentos e ambulantes garantem uma alternativa de entretenimento mais completa e barata na cidade.



Fonte: Arquivo do pesquisador
Figura 1: Apresentação do *Jazz* da Pedra do Sal

Já os grupos Tree e Bagunço promovem concertos “relâmpagos” nas principais ruas da cidade. Mesclando *jazz* com *rock* e *raggae* ou abusando da teatralidade, as bandas alteram cotidiano de importantes ruas do Centro proporcionando novas experiências às pessoas que transitam no local. Os grupos têm em comum o nomadismo e o costume de arrecadar dinheiro passando o “chapéu”.

Em todos os cenários investigados pela pesquisa e descritos acima verificamos que a conjunção entre as experiências sonoras e a arquitetura própria da região central da cidade promove o encontro entre as sensorialidades e a ludicidade, modificando a relação do

sujeito com o outro e com os espaços, tornando-a diferente, mais sensível e fluida. Florescem novas maneiras de estar e de vivenciar a cidade. São construídas as “musicabilidades”, ou seja, sociabilidades que têm a música como essência (FERNANDES, 2011).



Fonte: <http://www.cartografiamusicalderuadocentrodorio.com>
Figura 2: Apresentação do grupo Bagunço na Rua Sete de Setembro

Juventude e cultura juvenil

Compreendemos hoje, que o significado de juventude pode se expandir de acordo com diversas posturas em diferentes contextos, porém a concepção de jovem ainda aponta para definições e teorias baseadas em uma noção evolucionista do indivíduo e das coisas. São considerados fatores biológicos, que instituem início, meio e fim para a juventude. Essa noção moderna e limitada, convencionada durante grandes mudanças nas cidades do século XX, serve para impor limites e catalogar o grupo social (MAIA e PRATA, 2008).

Uma série de fatores promoveu a separação baseada na idade durante o pós-guerra: a maior oferta e consumo cultural, patrocinados pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa; a reconfiguração produtiva da sociedade e a elevação do consumo pela classe média, favorecidas pelo aumento da produção industrial e pelas novidades tecnológicas e científicas; a ampliação do ensino público, o que resultou no aumento de

cursos superiores; e a urbanização. A solidificação do conceito proporcionou o desenvolvimento da cultura jovem.

O sujeito jovem também tem como característica no senso comum o papel revolucionário, transgressor e atuante dentro de contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. A partir de análises históricas são construídas as particularidades desse grupo de indivíduos marcados pelo hedonismo, por suas linguagens próprias, recusa ao passado, libertação sexual, etc. Essa ideia atravessa o entendimento do conceito delimitado pela faixa etária e coloca a noção de juventude em outro patamar. O jovem passa a ser compreendido através de seus atos e movimentos dentro de um âmbito sociocultural, não mais pela fase de desenvolvimento físico e mental (BORELLI, 2007; MAIA e PRATA, 2008).

As duas interpretações, “histórica e universal”, são imprescindíveis para a compreensão dos conceitos de jovem, juventude ou cultura jovem. Entretanto, é crucial que o entendimento se estenda para outras áreas, levando em consideração os diferentes espaços ocupados por esse indivíduo em diferentes lugares da sociedade, e deixando de lado definições que apenas têm o papel de segregar e compartimentar. Uma leitura mais específica do jovem que contemple suas diversidades – étnicas, sexuais, culturais, econômicas, de gênero, entre outras – traz uma melhor e mais apurada distinção do sujeito e do papel que desempenha em diferentes contextos (BORELLI, 2007).

Considerando que a cultura juvenil colabora para reconfigurações dos modelos de pensamento provocando modos distintos de relacionamento com o mundo e as pessoas, e que os jovens formam um grupo social notadamente impactado pelas constantes e repentinas “transformações no panorama das culturas contemporâneas, em especial aquelas relacionadas às novas mídias e tecnologias” (BORELLI, ROCHA e OLIVEIRA 2008, p. 232), propõem-se, dessa forma, pensar o jovem a partir de suas contribuições sociopolíticas e culturais aliadas ao uso de diferentes tecnologias.

O Jazz como subversão cultural

Resultado da fusão entre ritmos africanos e europeus, o *jazz* se desenvolveu nas cidades do sul dos Estados Unidos. A improvisação, a polifonia rítmica e vocal e os padrões musicais de “canto e resposta” são algumas das características oriundas da África que colaboraram para a construção e complexidade do ritmo inicialmente conhecido como “*jass*” ou “*jaz*”. Escravos libertos descendentes dos colonizadores franceses da região ou, como eram conhecidos, *créoles*, são responsáveis pela implementação das técnicas

derivadas da música francesa, como os instrumentos de sopro e a organização das bandas similar às marchas militares.

A crescente urbanização e a emancipação dos escravos na segunda metade do século XIX fizeram aumentar as demandas e as opções de entretenimentos mais acessíveis. As festas públicas, os desfiles e os carnavais cresceram nessa época para atender a um público de trabalhadores mais pobres e de imigrantes recém-chegados. Reduto dos *créoles*, a cidade de New Orleans é expoente do crescimento de manifestações artísticas voltadas para a classe trabalhadora, lá as bandas de *jazz* se expandiram como “fenômeno de massa”.

New Orleans talvez não seja fonte exclusiva de manifestações jazzísticas, mas a influência nos Estados Unidos pelos músicos da cidade agilizou o movimento que já florescia em direção ao *jazz*. Em outras partes do país já existiam cantores de *blues* e pianistas de *ragtime* – “o primeiro estilo identificável de *jazz*” (HOBSBAWN, 2009). Em virtude do advento do gramofone e da produção de discos exclusivamente de *jazz* na década de 1920, o ritmo já estava legitimado como estilo de música nacional passando a ser reconhecido internacionalmente.

Um dos fatores – fora as guerras – que catapultaram o *jazz* mundo afora foi o surgimento de novas danças rítmicas, por volta de 1930 os salões de dança já contavam com a presença maciça de um público jovem. Devido aos compassos uniformemente marcados que produziam um som vibrante e ligeiro, o *swing* se transformou em um dos ritmos dançantes mais populares da época. Outras danças rítmicas como o *tap dance*, *lindy hop*, o *charleston* e o foxtrote também cativaram os jovens dançarinos.

Durante sua fase de expansão internacional, o *jazz* chegou e se estabeleceu no Brasil, na maioria das vezes, com o único propósito de entreter o público dos salões de dança. Dentro do processo de incorporação de tendências jazzísticas, Pixinguinha, é um dos nomes mais notáveis. Após se consolidarem tocando ritmos tipicamente brasileiros, os Oito Batutas, grupo do qual o músico fazia parte, ingressou em turnê internacional e, influenciados pelo *jazz*, acrescentaram o foxtrote e *ragtime* ao repertório.

Nessas danças os movimentos expressavam o balanço tocado pelas *big bands* evidenciando partes do corpo, até então, escondidas. Inicialmente, puritanos que alegavam ser dignitários de uma conduta aceitável condenaram a maneira como as danças eram executadas argumentando que as performances apelavam para a sensualidade. As letras das músicas também representavam um problema, pois significariam a essência de danças lascivas.

Em algumas cidades americanas os jovens eram repreendidos até mesmo por policiais:

“When a couple is observed in a serious violation upon a public floor they are asked to step outside. A patrol wagon rolls up and the tearful pair are escorted into it. But instead of being taken to the lockup they are driven to their homes and presumably sent to bed by their parents”⁶.

A música e a dança – assim como a moda, o consumo de álcool e cigarro - eram fugas alternativas para expressar os descontentamentos e reivindicações, além de expor as mudanças nas realidades dos jovens (americanos e europeus durante as primeiras décadas do século XX). Intimamente ligada à emancipação feminina e à libertação das regras e padrões que estruturavam a sociedade, a busca por sons e danças diferentes das convencionadas no final do século XIX resultou em passos ritmicamente frenéticos, acrescentando um caráter subversivo à cultura jovem da época. Os jovens adeptos às danças e ao *jazz* promoveram uma reviravolta cultural que se estendeu por entre as décadas do século XX e vem se desenhando até hoje.

Jazz no Rio de Janeiro

Nota-se que durante os últimos anos há movimento de crescimento no consumo de *jazz* pelo Rio (e pelo Brasil)⁷. Em comparação a outros momentos de ascensão do *jazz* no ambiente musical local, podemos constatar que o ritmo vem se dispersando pelos diversos locais da cidade, uma vez que as apresentações não se resumem mais aos festivais e espaços privados. Os concertos regulares de *jazz* ao ar livre vêm, impulsionados por uma já atestada “cultura de rua” carioca, fortalecendo o aumento do consumo local. A visibilidade gerada pelos diversos veículos de mídia que agrupam novidades e informações sobre eventos culturais (as mídias tradicionais, sites como *Catraca Livre*, ou ainda eventos e *fan pages* das bandas no Facebook), demonstra o desenvolvimento de uma intensa agenda de eventos do gênero.

É imprescindível mencionar a relevância do grupo Nova Lapa *Jazz* para a promoção do *jazz* nas ruas do centro da cidade. As *jam sessions* da banda, que tinham

⁶ “Quando um casal é visto cometendo uma infração grave na pista de dança eles são convidados a se retirar. Um camburão chega e o casal é escoltado para dentro dele. Mas, em vez de serem presos, eles são levados até suas casas e, provavelmente, mandados para a cama por seus pais”. [Tradução nossa]. Artigo *Unspeakable Jazz Must Go!*, escrito por John R. McMahon e publicado no *Ladies’ Home Journal* em Dezembro de 1921.

⁷ Cf. “Nova Orleans não é aqui?”. Michael Herschmann e Cíntia Sanmartin Fernandes. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - E-compós, Brasília, v.15, n.2, maio/ago. 2012.

como repertório clássicos do *jazz* e composições autorais, tiveram início em 2011 e se restringiam, num primeiro momento, ao público da Rua da Lapa, em frente ao bar Nova Lapa. Conforme os shows aconteciam, a quantidade de ouvintes aumentava e a banda ganhava mais visibilidade, porém esse crescimento resultou na mudança dos músicos para o Largo Albino Pinheiro – próximo do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e do Real Gabinete Português – devido reclamações de moradores do local.

O público presente, conforme FERNANDES e HERSCHMANN (2012), era heterogêneo e composto por um grande número de jovens, que em muitos casos não eram atraídos somente pela música, mas no decorrer das apresentações tinham a possibilidade de expandir suas experiências musicais. Até o fim das atividades da banda em 2013, como outras bandas que tocam na rua, o NLJ utilizava a *fan page* nas redes sociais para promover suas apresentações, hoje a página promove a divulgação de outros espetáculos de estilo jazzístico e alguns outros tipos de eventos culturais.

Durante a experiência com o NLJ e as bandas investigadas pela pesquisa (*Jazz do Castelo e da Pedra do Sal, Tree e Bagunço*), podemos atestar que vem se desfazendo o imaginário social de *jazz* destinado somente a uma elite madura. Observamos que o crescente número de consumidores mais jovens não ocorre somente em razão do crescimento exponencial de grandes festivais e eventos, mas também em decorrência de saturação. Em meio a uma maior visibilidade gerada pela sucessão de megaeventos (nacionais e internacionais), a economia da cidade se transformou e os entretenimentos passaram a consumir uma grande parte da renda de um grupo que ainda percorre o caminho de inserção no mercado de trabalho. Portanto, a ocupação das ruas por bandas de *jazz* torna-se uma alternativa menos custosa e consegue atingir uma nova gama de ouvintes.

Do Facebook para as Ruas

Outro responsável pelo aumento do interesse por grupos juvenis é a internet, ambiente de sociabilidade e troca de informações. Jovens simpatizantes ou ouvintes de *jazz* utilizam as diversas plataformas digitais para organizar, anunciar e se informar sobre os concertos ao ar livre. Mesmo que de forma difusa e talvez inconsciente, ao se mobilizarem via redes sociais, tornam-se elementos importantes nos processos operados por artistas que se propõem intervir musicalmente no espaço público e, dessa forma,

estabelecer críticas às mudanças vividas atualmente pela cidade (HERSCHMANN e FERNANDES, 2014b).

O relato de uma das consumidoras/frequentedoras do *Jazz* na Pedra do Sal descreve que:

“[...] é sensacional você sair na rua [...] ouvir música e poder dançar no meio da rua. [...] Na minha cidade, no interior de Minas Gerais, você vê músico na rua, mas é para ganhar dinheiro mesmo. É difícil ver um evento todo concentrado, [...] que tem toda essa cultura de pessoas acompanharem [...] e fazerem evento no Facebook. Geralmente, a galera vai por conta própria para a rua tocar e ganhar o seu dinheiro. Agora, evento [...] que reúna bastante gente, eu acho que é uma coisa muito carioca. O lugar aberto dá outra energia para toda reunião, sabe? Você conhece pessoas! [...] Quando [o lugar] é fechado você não sabe o que está acontecendo lá dentro. Agora, quando [o evento] é na rua todo mundo está disposto, todo mundo está vendo. Às vezes, você nem está saindo pra isso, mas você acaba parando e curtindo o lugar⁸”.

Mesmo monitorada e gerenciada por instituições governamentais e privadas, as redes promovem novas práticas de sociabilidade e de reconfigurações culturais. Esse ciberespaço é um território meândrico, onde os limites são, ao mesmo tempo, criados e desfeitos, onde os movimentos de territorialização e desterritorialização (DELEUZE e GUATARRI, 1980) ocorrem simultaneamente. A atual efervescência das comunidades virtuais não se baseia somente no desenvolvimento tecnológico, provém de um “vitalismo poderoso” imposto pela vida social contemporânea que reconfigura e negocia com a técnica (LEMOS, 2007; MAFFESOLI, 2007, 2009).

Para os jovens fãs de *jazz* e membros dessas comunidades, ocorre um reconhecimento a partir do outro, ou como indica Michel Maffesoli (2007, p. 27), uma “Adesão aos outros, em função dos gostos, das origens, dos sonhos e das histórias ou mitos comuns”. Diferentemente das sociabilidades pragmáticas, baseadas em uma norma rígida e inscritas numa doutrina evolutiva, a música (a moda, os diversos tipos de comportamento, a literatura, a aparência, a imagem etc.) é a chave para uma “emoção coletiva” constitutiva dos agrupamentos urbanos. Tais agrupamentos (ou tribos) mais ou menos efêmeros atraem-se, chocam-se e repelem-se no fluxo das pequenas coisas do cotidiano das cidades.

As interações não ficam retidas nas redes, ultrapassam a lógica digital e “saem do Facebook”. As apresentações musicais – sejam de *jazz*, samba ou rock – na rua, materializam a vontade de “estar-junto”, pois, é no festivo, nas estesias coletivas que se

⁸ E. Z., estudante de 21 anos. Depoimento gravado em 6 de julho de 2014.

comprovam o desejo de comunhão e a predisposição de perder-se no outro. Com mobilização prévia ou não (lembrando aqui da importância dos objetos-técnicos, como os celulares, que viabilizam os encontros repentinos, ou do simples fato de passar pelo local, ouvir a música e decidir ficar), as interações acontecem, a música se torna o motor de novas sociabilidades e como consequência promove a reconfiguração do espaço. A integração entre sonoridade e espacialidade proporciona uma experiência singular, promove uma nova estética ao lugar (HERSCHMANN e FERNADES, 2014b; MAFFESOLI, 2007).

“O som modifica o lugar. [...] o som pode ter esse ímpeto de mudar o lugar. [...] Eu mesmo, várias vezes, estou ali no intervalo [das apresentações], eu olho [e penso]: Nossa, aqui é o centro da cidade! Às vezes, a gente passa aqui tendo que fazer, uma coisa, super na pressa para resolver alguma coisa na vida, aquela coisa que pode não ser tão agradável. Rolando um som, um evento tão interessante, realmente muda o lugar. Nossa percepção do lugar é outra realmente⁹”.

Além do redimensionamento do espaço, o entretenimento na rua produz, mesmo que espontaneamente, um envolvimento cívico. Sem o caráter de manifestação ativa, o simples compartilhamento de interesses culturais e a ação de ocupar o espaço público proporciona levantar e resolver questões políticas complexas, pois através da integração entre cultura e vida cotidiana é possível mobilizar-se politicamente. Nos casos investigados, essa integração ocorre, num primeiro momento, dentro das redes sociais da *web* e parte para um efetivo “ativismo musical” nas ruas (FERNANDES e HERSCHMANN, 2014a).

A digitalização

Com a colaboração da tecnologia o *jazz*, assim como qualquer outro gênero musical, conseguiu se consolidar, influenciar e ser influenciado por outros estilos. A produção de discos, posteriormente fitas cassetes e CDs asseguraram a permanência do *jazz* como linguagem extremamente importante na música mundial. Atualmente, esse papel é atribuído aos *bytes*.

Com a tecnologia de compartilhamento de arquivo *peer-to-peer*¹⁰ discografias inteiras de nomes como Chet Baker, John Coltrane e Ella Fitzgerald estão disponíveis

⁹ Entrevista com Guga Pellicciotti, baterista dos grupos Jazz da Pedra do Sal e Jazz do Castelo, concedida à pesquisa no dia 7 de julho de 2014.

¹⁰ Através de uma rede *peer-to-peer* (P2P) os dados são transmitidos de computador para computador, sem a necessidade de passar por um servidor. À medida que um usuário recebe um arquivo ele passa a poder compartilhá-lo na rede, pois o

para *download*. Com os serviços de *streaming*¹¹ pagos ou gratuitos não é preciso baixar nada, desde que haja conexão à internet é possível executar músicas pelo celular, *tablet* ou através da *Smart TV*. Já pelo site *JazzRadio.com* ou pelo programa *iTunes* encontramos centenas de estações de rádio online do gênero espalhadas pelo mundo inteiro. Na *iTunes Store* é possível comprar álbuns e faixas recém-lançados ou os mais célebres clássicos do *jazz*. Em suma, “a possibilidade de seleção [é] ilimitada e maciça — variedade centenas de vezes superior a de qualquer loja, e tudo basicamente disponível em qualquer *laptop*.” (ANDERSON, 2007, p. 26).

Logo, compreendemos que a transformação de sons em *bytes* de informação, ou simplesmente digitalização, alterou a relação que temos com a música hoje. Esse processo não só possibilitou escutar música – assistir a vídeos, ler livros ou ver fotos – em diversas plataformas, mas também, atrelado à Internet, permitiu uma maior democratização do acesso aos diversos gêneros e subgêneros musicais.

A grande circulação de arquivos e a longa lista de títulos disponíveis nos inúmeros canais de mídia digitais oferecem recursos para além do convencional, e em decorrência disso as preferências deixam de centrar-se somente nos *hits*¹². A partir daí, as múltiplas comunidades de nichos ascendem e se movimentam dentro do mercado fonográfico na procura de obras que satisfaçam suas necessidades particulares. No entanto, é preciso estabelecer que sempre existiu uma “massa de nichos”, e que a abundância e o compartilhamento de arquivos não são as únicas razões responsáveis por esse processo, que pressupõe ainda a participação ativa do consumidor na busca e recomendação dos diversos conteúdos de mídia (ANDERSON, 2007).

Durante a apresentação do *Jazz* na Pedra do Sal o consumidor/frequentedor entrevistado afirma que ouvir música é um “vício bom” e ilustra as premissas apontadas:

“Bom, depois que eu vim no evento comecei a ouvir *jazz*. Aí, comecei a baixar álbuns de Dave Brubeck, Nina Simone... Esse *jazz* que eles tocam aqui. Comecei a procurar as músicas e ir baixando os álbuns. É muito bom!”¹³

programa de troca de arquivos o conecta a outros computadores através do arquivo compartilhado. Disponível em: <http://www.gta.ufrj.br/grad/10_1/video-p2p/p2p.html>. Acessado em 21 de Jun. de 2015.

¹¹ A tecnologia *streaming* permite que o *download* da mídia seja realizado durante a execução da mesma. Caso contrário, é necessário que o arquivo seja descarregado completamente no computador para depois executá-lo. Disponível em: <http://www.gta.ufrj.br/grad/10_1/video-p2p/stream.html>. Acessado em 21 de Jun. de 2015.

¹² Durante desenvolvimento da Teoria da Cauda Longa, Chris Anderson (2007) estipula que *hits* são os produtos e mercados de tendência dominantes.

¹³ D.B., estudante de 21 anos. Depoimento gravado em 5 de Abril de 2014.

Considerações finais

Procuramos estabelecer um entendimento de juventude para além das estratificações e dos conflitos geracionais, pois estas afirmam espaços específicos e promovem uma ordem que não nos interessa. No entanto, não pretendemos levar em consideração somente as singularidades de um grupo juvenil ou de um indivíduo. Enfim, optou-se por estabelecer a noção de juventude que se afirma historicamente, porém respeitando certas dimensões próprias de uma geração que negocia e utiliza a tecnologia das diversas maneiras.

Verificou-se nas artes as iminências das relações sociopolíticas e como são geradas experiências diversas em torno da música. Indicamos exemplos concretos integrados às dinâmicas culturais do espaço urbano carioca, destacando o papel dos jovens, que resultam num ativismo sob a perspectiva do lúdico, e dessa forma, permitem enxergar as manifestações artísticas para além da noção única de entretenimento.

Além disso, podemos compreender como a troca de informações e arquivos através das redes colabora para o redimensionamento cultural e funcionam como um dos vetores dos movimentos de intervenção no espaço público por atores não governamentais. Observamos como a circulação de dados ultrapassa a perspectiva maniqueísta das inovações tecnológicas, na realidade, repercute em novos processos de sociabilidade e práticas políticas. Estas, por sua vez, refletem um “poder emergente” do qual ainda estamos aprendendo a lidar (JENKINS, 2009).

Em suma, a intervenção política no cotidiano da cidade, a resignificação de espaços urbanos e a aquisição de novas experiências são o corolário da conjunção entre grupos juvenis, música e tecnologia, todos em coexistência atuando e reconfigurando as sociabilidades, a política e a cultura.

Referências

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. São Paulo: Campus, 2007.

BORELLI, Silvia H. S.; **Harry Potter: Conexões Midiáticas, Produção e Circulação, Cenários Urbanos e Juvenis**. In: Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, 2007.

_____; ROCHA, Rosamaria L. M.; OLIVEIRA, Rita C. A. **Jovens urbanos: trajetórias partilhadas de pesquisa (2002/2008)**. In: Ponto-e-Vírgula. Revista de Ciências Sociais. São Paulo, n. 4, p. 231 – 253, 2. Sem. 2008. Disponível em:

<<http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14182/10415>> Acesso em: 27 abr. 2015.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix., **Mille Plateaux**. Capitalisme et Schizophrénie., Paris, Les Editions de Minuit, 1980.

FERNANDES, Cíntia S. **Musicabilidade e sociabilidade: o samba e choro nas ruas-galerias do centro do Rio de Janeiro**. In: HERSCHMANN, Micael (org.). **Nas bordas e fora do mainstream**. São Paulo: Editora Estação das Letras e das Cores, 2011.

_____. **Territorialidades sônicas e ressignificação dos espaços do RJ**. In: Revista Logos. Rio de Janeiro: PPGCOM da UERJ, n. 35, vol. 18/2, 2011a.

_____. ; HERSCHMANN, Micael. **Ativismo musical nas ruas do Rio de Janeiro**. In: ANAIS COMPÓS, 2014a.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia S. **Nova Orleans não é aqui?** E-compós, Brasília, v.15, n.2, maio/ago. 2012. Disponível em <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/777/584>>. Acesso em 26 maio 2015.

_____. ; FERNANDES, Cíntia S. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014b.

HOBBSAWM, Eric. **História social do jazz**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KOENIG, Karl. **Jazz in Print (1856-1929)**. An Anthology of Selected Readings in *Jazz History*. Pendragon Press, 2002. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Jazz_in_Print_1859_1929.html?id=sol334hPuRoC&redir_esc=y> Acesso em: 25 mar. 2015.

LEMOS, André. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis**. Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territoria.pdf>> Acesso em: 4 abr. 2015.

MAFFESOLI, Michel. **O mistério da conjunção**: ensaios sobre comunicação, corpo e sociabilidade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAIA, João; PRATA, Pedro. **Uma história de amor juvenil**. E-compós, Brasília, v.11, n.1, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/276/260>>. Acesso em: 16 abr. 2015.